

## **TRABALHO E EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NA CONSTRUÇÃO SOCIAL DO TRABALHADOR**

**Izabella LACERDA PIMENTA (1)**

(1) Universidade Federal Fluminense; Rua Lambari, nº. 11, bairro Santo André, Belo Horizonte/ MG, CEP: 31210-540;  
Tel.: (21) 8817-7147; (31) 3423-8638; e-mail: [izabellalacerda@yahoo.com.br](mailto:izabellalacerda@yahoo.com.br)

### **RESUMO**

O presente trabalho refere-se à pesquisa da minha dissertação de mestrado em Antropologia, que tem por objeto as representações e práticas de alunos inseridos no processo de iniciação profissional proporcionado por escolas técnicas quanto à categoria trabalho, as expectativas e as relações destes estudantes com o mercado de trabalho. A pesquisa etnográfica vem sendo realizada junto aos estudantes do turno da manhã e da noite do curso médio técnico de máquinas navais da Escola Técnica Estadual Henrique Lage localizada em Niterói/RJ, integrada à Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC). O trabalho de campo vem ocorrendo a partir da observação; do acompanhamento de parte do cotidiano dos estudantes, privilegiando-se o contato informal e freqüente; de entrevistas com os mesmos e seus familiares. É possível notar divergências quanto às perspectivas profissionais dos alunos dos diferentes turnos, contudo há concepções compartilhadas quanto ao lugar do saber prático, por eles valorizado e pouco desenvolvido na escola. Outra semelhança é predominância de homens. Ademais, há outras distinções em razão da diferença de idade entre os turnos no que se refere ao trabalho, influenciando o comportamento e as posturas em sala de aula; das perspectivas profissionais; dos papéis desempenhados pela família quanto à escolha profissional.

**Palavras-chave:** Educação Profissional; Trabalho; Classe Trabalhadora.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho constitui-se como uma possibilidade de reflexão acerca do trabalho etnográfico que venho realizando, neste ano de 2008, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Simoni Lahud Guedes do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense, do qual faço parte na condição de mestranda. Para tanto, amparada em pressupostos de ordem teórica, ressalto alguns elementos centrais que permeiam a etnografia, bem como apresento alguns resultados preliminares da mesma.

Inserida na temática “cultura de classe trabalhadora”, a pesquisa visa compreender os significados do processo de iniciação/formação profissional para pessoas da classe trabalhadora que cursam máquinas navais na Escola Técnica Estadual Henrique Lage (ETEHL) que integra a Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC) localizada no Barreto em Niterói, cidade que compõe, segundo o IBGE<sup>1</sup>, a mesorregião do Grande Rio de Janeiro. Para tanto, levo em conta as trajetórias de vida destas pessoas, permeadas por uma estrutura social supostamente fechada e rigidamente contornada por questões objetivas, mas que é dinamizada pelo campo de atuação e escolhas possíveis das mesmas, o que depende de incontáveis fatores.

## ESTADO DA ARTE: CONSIDERAÇÕES SOBRE O TEMA

Levando em conta algumas singularidades e implicações do processo de iniciação profissional para pessoas inseridas na cultura de classe trabalhadora no Brasil, apresento de forma sucinta algumas discussões pertinentes à temática considerando, sobretudo, a educação profissional. Este tipo de educação, que existe desde o governo de D. João VI com a criação do “Colégio das Fábricas”, ganha destaque nos debates políticos, especialmente a partir de 1971 através da Lei 5.692/71, que instituía o ensino médio técnico com os objetivos de solucionar a defasagem entre educação e trabalho, aumentar a oferta de profissionais técnicos e conter o ingresso em cursos superiores, já que a formação profissional desobrigaria os jovens a se candidatarem aos cursos superiores (Maciel, 2005).

A temática “cultura de classe trabalhadora” é recorrente na Antropologia, ganhando mais ênfase no Brasil nas décadas de 1980/90 e permanecendo até os dias atuais como um campo extremamente fértil, produzindo um vasto e peculiar conhecimento sobre as formas através das quais são vividas e representadas diversas dimensões da vida. O trabalho é um tema que aparece como valor fundamental na “cultura de classe trabalhadora” e na educação profissional – um dos meios de iniciação ou aprimoramento profissional (Guedes, 1997). A educação profissional, que no contexto brasileiro atual é dividida em três níveis – básico, aberto a qualquer pessoa, independente de escolaridade prévia; técnico, tem organização curricular própria e é oferecido simultaneamente ao ensino médio ou após a sua conclusão; e, tecnológico, considerado como curso de nível superior –, também é um tema caro à Antropologia devido à sua importância no cenário brasileiro contemporâneo, onde ganha destaque principalmente com os massivos investimentos do Governo e interesses diversos e conflitantes, muitas vezes, por parte de empregadores privados ou públicos. Maciel (2005) chama atenção para o fato de que, no ano de 2003, o então ministro da educação Cristovam Buarque, destacou a importância da educação profissionalizante no crescimento do país ao dizer que “ela gera emprego, progresso, produção e traz alegria para os alunos”, alertando que o Brasil tem maior escassez de técnicos de nível médio do que de profissionais de nível superior. A relevância do ensino profissionalizante influencia o cotidiano, no entanto discussões e reflexões sobre o mesmo ainda são insuficientes, especialmente aquelas elaboradas por estudiosos das ciências sociais, o que resulta em poucas referências teóricas, já que os estudos que envolvem a educação no Brasil estão mais voltados para a educação primária ou o ensino superior.

---

<sup>1</sup> IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

O trabalho, apesar de ser um tema muito estudado nas ciências sociais, não pode ser considerado como um tema acabado ou envelhecido, haja vista que ele é muito mais do que um modo de ganhar a vida, é uma forma de inserção social. Uma das provas desta importância aparece quando frequentemente interrogamos – ou somos interrogados – sobre a atividade profissional de alguém conhecido ou não. O trabalho ocupa parte da vida das pessoas, influencia as relações sociais, é um meio de desenvolvimento que proporciona tanto sensações de prazer, vinculadas ao ganho financeiro, prestígio social ou satisfação pessoal quanto sensações desagradáveis como a fadiga, principalmente pelas infindáveis demandas feitas ao trabalhador em termos de constante aumento de produção com qualidade. Ainda, o trabalho possui um sentido crucial na vida das pessoas, o valor do trabalho na nossa sociedade não reside apenas em garantir meios de sobrevivência para as pessoas, mas cumpre também um papel de formador de identidade (Marx *apud* Maciel, 2005, p. 9). Identidade esta, que incorpora relações de gênero, nas quais o homem e o trabalho se combinam, gerando práticas e representações específicas. Sendo assim, o trabalho, em muitas culturas como a de classe trabalhadora, é símbolo de dominação, apropriado por quem exerce um papel dominante, no caso, o homem provedor da casa, pois as outras pessoas da casa que colaboram ou sustentam a casa têm a renda, fruto do trabalho, interpretada como ajuda (Guedes, 1997).

A educação profissional é vista muitas vezes como uma possibilidade para o jovem entrar mais “preparado” e seguro em uma disputa por uma vaga no mercado de trabalho. Reforçando a visão da educação profissional como via de acesso ao mundo do trabalho, o Ministério da Educação e o Ministério do Trabalho vêm retomando o discurso de que “o fortalecimento da escola técnica é uma das soluções para o problema da falta de qualificação para a força de trabalho dos jovens brasileiros, bem como para uma rápida inserção destes jovens no mercado de trabalho.” (Maciel, 2005, p. 11) No entanto, a educação profissional não é um fator que determina de forma exclusiva o trabalho, pois o mundo do trabalho é continuamente dinamizado por transformações sociais das mais diversas ordens, como os avanços tecnológicos e a competição mercadológica que cresce em larga escala, sendo muito aguçada pelos mercados globalizados. Para a autora supracitada, mudanças deste nível ocorridas nas últimas décadas geraram certo consenso entre governantes e instituições multilaterais (BIRD, BID, CEPAL, OIT) acerca da necessária implementação de mudanças no sistema educacional, de forma a adequá-los às novas demandas.

Segundo Guedes (1997), a iniciação ao trabalho marcada pela educação formal através das escolas profissionalizantes é um processo comum de socialização dos jovens na transformação em homens/trabalhadores. O ensino profissionalizante ocupa um espaço simbólico singular por se basear não somente no eixo teórico, mas também no prático. De acordo com o trabalho etnográfico da autora supracitada, é comum os jovens entre 14 e 18 anos entrarem nessas escolas encaminhados pelo pai para escolher uma profissão e, conseqüentemente, aprender a *fazer* algum tipo de trabalho. Neste sentido, estas pessoas acabam construindo uma auto-imagem de trabalhadores bastante positiva e confiante em “ser técnico, provar (...) competência e fazer sucesso” (Burnier, 2006, p. 136), ainda que isso seja modificado com a inserção no mercado de trabalho.

Por outro lado, noções de dominação e de desigualdade perpassam o contexto da escola profissionalizante como é delineado no discurso das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de nível Técnico, aprovadas em 1999, ressaltando o lugar privilegiado deste tipo de educação para a classe trabalhadora enquanto é marginalizada pelas elites em detrimento da educação superior:

A educação para o trabalho não tem sido tradicionalmente colocada na pauta da sociedade brasileira como universal. O não entendimento da abrangência da educação profissional na ótica do direito à educação e ao trabalho, associando-a unicamente à ‘formação de mão-de-obra’, tem reproduzido o dualismo existente na sociedade brasileira entre as ‘elites condutoras’ e a maioria da população, levando, inclusive, a se considerar o ensino normal e a educação superior como não tendo nenhuma relação com educação profissional. (BRASIL, CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO/ CÂMARA DE EDUCAÇÃO BÁSICA – DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DE NÍVEL TÉCNICO, 1999)<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Disponível em: < <http://www.mec.gov.br/semtec/educprof/ftp/ceb016.doc> > Acesso em 10 de fevereiro de 2008.

Muitas ações foram colocadas em prática para adaptar os sistemas escolares às novas exigências mercadológicas, o que corrobora para a mudança em termos de atribuição de importância ao ensino profissionalizante. No Brasil, as reformulações na educação profissional ganham mais espaço e “corpo jurídico-institucional” a partir de 1990 e no governo de Fernando Henrique Cardoso, quando foi criado em 1997, o PROEP (Programa de Expansão da Educação Profissional). Em abril de 2004, o Ministério da Educação, através da Secretaria de Educação Média e Tecnológica (SEMTEC) produziu um documento intitulado “Políticas Públicas para a Educação Profissional e Tecnológica” (Ramos *apud* Maciel, 2005). Este documento define as propostas e os pressupostos para a educação profissional, ressaltando sua importância:

A educação profissional e tecnológica, em termos universais, e, no Brasil, em particular, reveste-se cada vez mais de importância como elemento estratégico para a construção da cidadania e para uma melhor inserção de jovens e trabalhadores na sociedade contemporânea, plena de grandes transformações e marcadamente tecnológica. Suas dimensões, quer em termos conceituais, quer em suas práticas, são amplas e complexas, não se restringindo, portanto, a uma compreensão linear, que apenas treina o cidadão para a empregabilidade, e nem a uma visão reducionista, que objetiva simplesmente preparar o trabalhador para executar tarefas instrumentais. No entanto, a questão fundamental da educação profissional e tecnológica envolve necessariamente o estreito vínculo com o contexto maior da educação, circunscrita aos caminhos históricos percorridos por nossa sociedade. (SEMTEC/MEC, 2004, p. 6)

Ao discutir algumas reformas do ensino técnico e a criação do PROEP a partir de três estados brasileiros – Rio Grande do Sul, Ceará e São Paulo –, Castro, Médici e Tejada (2000) auxiliam a compreensão histórica acerca do lugar social deste tipo de ensino. Eles percebem que o ensino técnico estava estagnado e as escolas técnicas, por oferecerem um programa acadêmico integrado com a parte técnica profissionalizante, há muito tempo, atraíam uma “(...) elite intelectual e econômica que nelas via uma alternativa gratuita para receber um ensino acadêmico da melhor qualidade, preparando para os vestibulares mais competitivos.” (p.10) A parte profissional ficava totalmente marginalizada, pois esta elite se importava muito menos com a dimensão técnica ou profissionalizante dos cursos, equipamentos das oficinas e laboratórios tornavam-se obsoletos. O PROEP é interpretado pelos autores mencionados como o catalisador da mudança no ensino técnico, responsável pela melhora na qualidade do mesmo, dada em função da reestruturação dos cursos, que agora têm separados a parte profissional da acadêmica. A separação entre o ensino médio regular e o ensino profissional favorece a qualidade do ensino profissional e permite, por outro lado, o desenvolvimento de um melhor ensino médio.

Ao estudar o público de uma escola de ensino técnico do Rio de Janeiro, o CEFET/RJ, Maciel (2005) percebe que o mesmo é composto em sua maioria por jovens de classe média uma vez que o rigoroso processo seletivo exclui candidatos que vieram das escolas da rede pública estadual e favorece os que estudaram em escolas particulares. É evidente o tom de conservação social da escola, já tão trabalhado por Bourdieu (1999) que afirma:

(...) Ao atribuir aos indivíduos esperanças de vida escolar estritamente dimensionadas pela sua posição na hierarquia social, e operando uma seleção que - sob as aparências de equidade formal – sanciona e consagra as desigualdades reais, a escola contribui para perpetuar as desigualdades, ao mesmo tempo em que as legitima. (BOURDIEU, 1999, p.58).

E mesmo que os estudos de Bourdieu se refiram ao sistema de educação europeu, mais especificamente ao modelo francês, no Brasil a situação não parece ser distinta, porquanto

(...) A educação escolar se implantou com um caráter altamente seletivo, transformando-se em importante instrumento de legitimação das desigualdades existentes. O que ocorreu no Brasil não foi diferente. Tal como aconteceu na maioria dos países de industrialização tardia, o sistema brasileiro de educação escolar, tal como o conhecemos hoje, foi implantado no início dos anos 40, com claros objetivos ligados à necessidade de transformar o homem brasileiro, de raízes eminentemente rurais, em um homem urbano e adaptado ao trabalho industrial. (FOGAÇA *apud* MACIEL, 2005, p. 21-22)

No entanto, a educação profissional não pode ser interpretada unicamente como um elemento de tom conservacionista, há constantes mudanças envolvendo, não somente este tipo de educação, mas qualquer outra. É necessário dar devida atenção à tais transformações, que nem sempre se dão no nível estrutural, enfatizando, especialmente o olhar das pessoas incluídas neste contexto.

De maneira geral, fica patente que, se o mercado explora e exclui, ele também abre perspectivas, desnuda relações, oportuniza experiências e é incapaz de conter o *fazer-se* (Thompson, 1997) desses trabalhadores. Fundados numa visão de mundo própria, construída no interior da cultura das classes trabalhadoras, esses técnicos se colocam diante dos códigos dominantes no mercado como sujeitos dotados de reflexividade (Giddens, 1997) e de um referencial simbólico que possibilita que eles, percebendo-se sujeitos no cotidiano do trabalho (à hierarquia, às rotinas de trabalho, aos ritmos da produção, aos baixos salários, às discriminações de gênero, às políticas sindicais), elaborem essas experiências de forma própria, sendo capazes de se verem de forma independente dessas estruturas e práticas, ainda que com limitações. (BURNIER, 2006, p. 149)

É crucial levar em conta que, entender a trajetória de um estudante da educação profissional e suas perspectivas em relação ao universo do trabalho, requer a adoção de uma perspectiva que considere o dinamismo da vida social, relações, estruturas, tensões, limites e concepções que compõem a experiência desta pessoa. Para a antropologia é importante considerar os contextos nos quais são construídos e disseminados valores e visões de mundo, haja vista a representação de diversos papéis sociais pelos sujeitos. As pessoas são várias coisas e isso não impede que elas sejam uma coisa só em certos momentos, o que envolve o problema da relação destes múltiplos papéis. Não há como adotar o individualismo metodológico que negligencia as dimensões intersubjetiva e intra-subjetiva da realidade social, já que é “a pluralidade das identidades que constituem um mesmo indivíduo e suas personalidades múltiplas.” (Corcuff, 2001, p. 25)

## O CAMPO EMPÍRICO

Diante deste breve quadro acerca da educação profissional, percebo a necessidade de realizar um estudo capaz de compreender as recentes mudanças no mundo do trabalho através de pessoas inseridas no processo de educação e formação profissional. Entender assim, como e quais são os significados atribuídos ao universo do trabalho e as possibilidades que estas pessoas vislumbram neste contexto tão marcado por profundas e significativas mudanças na produção, dadas pela modernidade tardia (Touraine; Giddens *apud* Burnier, 2006), isto é, o desenvolvimento científico e tecnológico que integram praticamente todo o mundo, promovendo a desterritorialização das identidades, a superação da centralidade do Estado-nação com a internacionalização da economia, o crescimento vertiginoso dos setores terciários da economia em detrimento da hegemonia do setor secundário, o crescimento do consumo e das comunicações.

Na intenção de colaborar com ampliação de conhecimentos antropológicos sobre este tipo de educação tão central para a cultura de classe trabalhadora, venho realizando uma etnografia com os estudantes do curso médio técnico em máquinas navais da Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC), vinculada à Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia (SECT). Diante das diversas escolas profissionalizantes existentes no Grande Rio de Janeiro, a FAETEC foi escolhida por se tratar de uma fundação de caráter estadual que vem merecendo menor atenção dos estudiosos em detrimento, por exemplo, aos centros federais de educação tecnológica (CEFETs) ou às escolas pertencentes ao Sistema S<sup>3</sup>.

A fundação, criada em 10 de junho de 1997, oferece educação convencional e profissional gratuita em diversos níveis de ensino à população do Estado do Rio de Janeiro, apresentando cerca de 40 cursos técnicos

---

<sup>3</sup> O Sistema S é “formado por organizações criadas pelos setores produtivos (indústria, comércio, agricultura, transportes e cooperativas) com a finalidade de qualificar e promover o bem-estar social de seus trabalhadores, como o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) e educação profissional para trabalhadores do setor de comércio e serviços; o Serviço Social do Comércio (SESC), promoção da qualidade de vida dos trabalhadores do setor de comércio e serviços; o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR) e educação profissional para trabalhadores rurais; o Serviço Nacional de Aprendizagem em Transportes (SENAT) e educação profissional para trabalhadores do setor de transportes; o Serviço Social de Transportes (SEST) e promoção da qualidade de vida dos trabalhadores do setor dos transportes; o Serviço Brasileiro de Apoio às Pequenas e Médias Empresas (SEBRAE) e programas de apoio ao desenvolvimento de pequenas e médias empresas; o Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (SESCOOP) e aprimoramento e desenvolvimento das cooperativas e capacitação profissional dos cooperados para exercerem funções técnicas e administrativas.” (BURNIER et al, 2007, p. 343)

e diversos cursos livres integrantes de distintas áreas. A FAETEC é um complexo voltado para educação convencional e, especialmente, para a educação profissional na medida em que reúne Escolas Técnicas Estaduais; Unidades de Educação Infantil; Ensino Fundamental, Industrial e Comercial; Institutos Superiores de Educação e Tecnologia; e, Centros de Educação Tecnológica e Profissionalizante. Segundo informações disponíveis no site da fundação, a estrutura de ensino da FAETEC “apresenta de modo primordial a educação técnica como um pilar relevante na formação do indivíduo”.

Para a realização deste trabalho foi escolhida, dentre as inúmeras unidades existentes no Estado do Rio de Janeiro, a unidade localizada na região do Barreto na cidade de Niterói<sup>4</sup>. Esta unidade reúne no mesmo endereço, três unidades da FAETEC, dentre elas a Escola Técnica Estadual Henrique Lage (ETEHL), que oferece de forma subsequente ou concomitante ao ensino médio os cursos técnicos em: edificações, eletrônica, eletrotécnica, estruturas navais e máquinas navais. A Escola Técnica Estadual Henrique Lage, que temporariamente está localizada num Ciep<sup>5</sup> de São Gonçalo por conta de uma reforma que vem sendo realizada no seu prédio devido a uma parceria com a Petrobrás<sup>6</sup>, foi escolhida como espaço privilegiado da pesquisa por ser uma escola técnica tradicional na formação profissional e dinamização do mercado de trabalho dos municípios de São Gonçalo e Niterói. Desde sua origem a escola estava ligada a um projeto “fordista” dos irmãos Lage, empresários importantes na indústria naval em Niterói-São Gonçalo, sendo concebida inicialmente como “Escola do Trabalho” (Fortes *apud* Guedes, 1997). Atualmente, devido às parcerias com empresas como a Petrobrás, que irá instalar o Complexo Petroquímico do Estado do Rio de Janeiro em Itaboraí, a Escola irá desempenhar papel fundamental na formação e capacitação de trabalhadores de outros municípios, como Itaboraí, Cachoeiro de Macacu, Casemiro de Abreu, Guapimirim, Maricá, Magé, Rio Bonito, Silva Jardim e Tanguá.

Entender os significados atribuídos às profissões de nível técnico para os estudantes da Escola Técnica Estadual Henrique Lage requer uma investigação com vistas à compreensão de situações específicas para estas pessoas no que se refere ao âmbito do trabalho e da profissão. As unidades de análise social da pesquisa são as turmas do 3º ano do turno da manhã e da noite do curso de máquinas navais. Espera-se, desta forma, a compreensão acerca das representações e das práticas dos estudantes inseridos no processo de iniciação profissional entre os dois turnos, que segundo o diretor da escola, são bastante distintas. Para tanto, lanço mão do recurso metodológico da trajetória de vida, uma trajetória vista como individual e coletiva, ou seja, a trajetória da pessoa em processo de formação e iniciação profissional, delineando percursos coletivos, mesmo que sejam percebidos e vividos individualmente. A trajetória não é linear, apenas o seu modo de construção. O pesquisador ao trabalhar com a trajetória de vida deve:

Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos (...) é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações. Os acontecimentos biográficos se definem como *colocações* e *deslocamentos* no espaço social (...). (...) não podemos compreender uma trajetória (...) sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado (...) ao conjunto de outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis. (BOURDIEU, 2005, p.190)

Não somente de relações objetivas é feita a vida social. É interessante frisar o viés construtivista desta pesquisa, pois levo em conta a noção fundamental de que a realidade social tende a ser apreendida como construída, bem como entendo que os indivíduos a serem pesquisados apresentam uma margem de escolhas individuais e vivem sob condições estruturais, que aparentemente, são as mesmas. Não se trata, contudo de cair no individualismo metodológico, no qual “os indivíduos são então considerados como os átomos básicos da análise de processos sociais e o coletivo, visto como um simples resultado das atividades individuais, através dos efeitos de agregação e de composição.” (Corcuff, 2001, p. 22), mas sim, de entender que “o todo social não é nem a reunião de elementos anteriores, nem uma entidade nova, mas um sistema de relações a partir da qual cada um engendra, enquanto relação, uma transformação dos termos unidos por este sistema.”

<sup>4</sup> Há em Niterói mais duas unidades da FAETEC, o CETEP Armando Valle Leão e o CETEP Pendotiba.

<sup>5</sup> Centro Integrado de Educação Pública da rede estadual do Rio de Janeiro.

<sup>6</sup> Petrobras – Petróleo Brasileiro S.A.

(Piaget *apud* Corcuff, 2001, p. 23-24) Há uma relação que favorece o diálogo entre sociedade e indivíduo – produzido e produtor da realidade –, um dos *paired concepts* da sociologia herdados da filosofia:

É um desafio assumido, de diversas maneiras, pelas problemáticas que denominamos construtivistas, e que supõe um deslocamento do próprio objeto da sociologia: nem a sociedade nem os indivíduos, encarados como entidades separadas, mas as relações entre indivíduos (no sentido amplo, e não somente as interações de face a face), bem como os universos objetivados que elas fabricam e que lhes servem de suportes, enquanto eles são constitutivos ao mesmo tempo dos indivíduos e dos fenômenos sociais. (CORCUFF, 2001, p. 24)

A etnografia, por ser uma descrição de parte da vida social no seu processo contínuo de recriação (Guedes, 1997), requer um acompanhamento do cotidiano ou de parte do cotidiano dos pesquisados. Assim sendo, a pesquisa está calcada na observação participante, o que propicia o rompimento com a representação de fachada dos indivíduos, adentrando assim em sua “região de fundo”, pois “muitos fatos decisivos estão além do tempo e do lugar da interação, ou dissimulados nela” (Goffman, 1975, p.12). A observação participante possibilita o entendimento das dinâmicas cidadinas a partir do ponto de vista de atores sociais, muitas vezes relegados a um segundo plano por não estarem diretamente ligados ao capital e às forças do mercado, como é o caso das pessoas da classe trabalhadora em processo de iniciação profissional. A construção do dado etnográfico é direta e pessoal. As técnicas utilizadas são: a observação continuada ao longo das aulas, o contato intenso com informantes privilegiados, a participação em atividades fora do espaço da escola, as entrevistas gravadas. Ademais, uma atenção especial é dada à obtenção de dados através de material jornalístico e documental.

Levando em conta que operamos com objetos propriamente científicos por serem construídos de modo consciente e metódico (Bourdieu, 1999), o objeto da pesquisa em questão consiste nas representações e práticas de pessoas da classe trabalhadora inseridos no processo de iniciação profissional proporcionado por escolas técnicas quanto à categoria trabalho, as expectativas e as relações destas pessoas com o mercado de trabalho, ou seja, pretendo investigar a importância do trabalho e da educação profissional a partir da trajetória de vida destas pessoas jovens que tanto são produzidos pela sociedade quanto a produzem dentro de um contexto de determinações e escolhas. Neste sentido e de acordo com Guedes (1997), parto da hipótese de que os valores e as idéias produzidas e reproduzidas na família destes jovens acabam conduzindo-os às específicas iniciações profissionais, sobretudo pelo valor central atribuído ao trabalho por estas pessoas. Para a autora, o jovem criado dentro da classe trabalhadora urbana

já incorporou uma série de princípios culturais que tendem a transformá-lo num trabalhador, evitando outras possibilidades, em especial aquelas circunscritas pelas concepções de *bandido* e *vagabundo*, no nível de uma identidade contrastiva, e dificultando projetos que extrapolem os horizontes que parecem abertos aos trabalhadores. (GUEDES, 1997, p. 159)

A família é fundamental para situar os rapazes em processo de transformação em homens/trabalhadores, pois é essa organização social nuclear, que tornará possível a reprodução dos valores de homem/trabalhador. A maioria dos alunos do turno da manhã, por serem mais jovens, reflete isso, pois os mesmos entraram para o curso de máquinas navais encaminhados pelos pais, que acreditam no ensino técnico como uma possibilidade mais segura de emprego e/ou porque já estudaram na escola, que era referência no ensino técnico naquela época. Assim, muitos estudantes dizem fazer o curso médio técnico para *não sair sem nada, para ter alguma coisa*, ou seja, para ter uma vantagem competitiva no mercado de trabalho que o ensino médio não seria capaz de conferir. Os estudantes do turno da noite também apresentam a mesma opinião quanto à construção de uma vantagem no mercado de trabalho conferida pelo ensino profissional, o peso da família aparece também, principalmente nos relatos dentro de sala e nas entrevistas sobre o lugar do trabalho nas famílias. Por outro lado, os alunos do turno da noite, por serem mais velhos, apresentam maior autonomia quanto à escolha da escola e do curso, algo praticamente inexistente no turno matutino.

Diante da maior autonomia quanto à escolha do curso, os alunos do turno noturno apresentam mais interesse no curso, na medida em que assistem às aulas, de fato, mesmo apresentando cansaço físico visível decorrente do trabalho durante o dia. Ainda, conversas paralelas em sala de aula são praticamente inexistentes. Alguns alunos da manhã, de outro modo, dormem durante as aulas ou simplesmente saem de sala para jogar cartas ou futebol por considerarem o professor chato, a matéria chata ou inútil. O silêncio na turma matutina só

ocorre em dois momentos específicos: a aula de português e a aula de matemática, haja vista que as professoras extremamente enérgicas exigem as carteiras arrumadas e o silêncio.

Os estudantes não vivem totalmente condicionados por uma rígida estrutura social que as obriga a seguirem sólidos padrões em termos de produção e reprodução do homem/trabalhador, haja vista que há sempre um espaço limitado, mas aberto a projetos individuais. É importante entender os indivíduos enquanto plurais produzidos e produtores das relações sociais, porquanto as realidades sociais são simultaneamente objetivadas e interiorizadas segundo preceitos construtivistas (Corcuff, 2001). Assim, há alguma atuação dos sujeitos no trabalho ou na escola profissionalizante, pois

ainda que imbuídos, desde a infância, em alguns casos, ou pelo menos desde a formação profissional, em todos os casos, de um *habitus* fortemente ascético, disciplinado e calçado no autocontrole e no desejo de ser competente, os técnicos demonstram rejeitar os ritmos impostos pelas empresas, não só com relação à aceleração da produção, da definição de prazos cada vez mais reduzidos e de metas cada vez mais ambiciosas, como também pela utilização bastante generalizada da produção em sistema de turnos e de letras, em que as empresas funcionam 24 horas por dia, 7 dias na semana, [um] sistema [que] inviabiliza grande parte das atividades da vida pessoal do trabalhador, que se sente prisioneiro da empresa (...). (BURNIER, 2006, p. 141)

A postura profissional é bastante diferenciada nos dois turnos. Na turma da manhã pouco se discute sobre mercado de trabalho, quando a discussão vem à tona, geralmente é lançada por um professor que ao reclamar do comportamento da turma associa o mesmo com uma possível rejeição do mercado de trabalho, já que o técnico precisa ser *responsável* por trabalhar numa área que envolve muitos riscos e porque vai *mandar em peão*. Ademais, apenas um aluno do curso matutino faz estágio, os outros alunos que trabalham em outras áreas ou que não trabalham ainda não vislumbram a *responsabilidade do técnico*. Os estudantes do curso da noite frequentemente discutem sobre mercado de trabalho e, muitas vezes, começam a discussão junto ao professor. Além disso, a proporção de alunos que trabalham, principalmente, na área naval é muito mais significativa. Deste modo, os alunos já sentem a *responsabilidade* da profissão de técnico e os riscos que a mesma oferecem, contando muitas vezes casos de acidente que ocorreram com eles próprios ou com colegas por falta de atenção ou mesmo por falhas dos equipamentos de trabalho. Ainda no tocante à postura profissional, à noite é mais evidente a preocupação em galgar posições no mercado de trabalho, o que não ocorre com a turma da manhã, que ainda não trabalha na área.

Observar as relações de gênero é um ponto importante para a pesquisa, já que levo em conta a idéia de que existe uma predominância do pólo masculino na cultura de classe trabalhadora, o que se verifica, por exemplo, na representação dos papéis do homem em termos econômicos quando este se porta como o provedor da família (Guedes, 1997). Desta forma, ainda de acordo com Guedes (1997), a renda feminina é vista como *ajuda*, o que favorece a reprodução do modelo de família conjugal nuclear, no qual o homem desempenha o papel de “pai provedor”, dominando o espaço da rua, lugar do trabalho e também de negociação da identidade masculina. Já a mulher, a “mãe dona-de-casa”, é aquela que deve possuir o domínio do espaço da casa, consequentemente distante do universo da rua e do trabalho – do fazer efetivamente, mas está inserida num outro tipo de fazer, isto é, o trabalho doméstico, fundamental para a produção e reprodução do homem/trabalhador/provedor.

A escola técnica, no caso de muitos cursos, é um campo tradicionalmente masculino, o que gera uma dinâmica específica das relações de gênero. As mulheres são minorias nas duas turmas estudadas. Às mulheres é reservado o trabalho no escritório, as mulheres *não põem a mão na massa nos estaleiros*, geralmente conseguem estágio e emprego na área administrativa, apesar de algumas desejarem o *trabalho pesado*. O *trabalho pesado* vem muitas vezes acompanhado de maiores cobranças e riscos à acidentes de trabalho, o que favorece este tipo de trabalho aos mais experientes, ou seja, quem não tem apenas a teoria, mas também e, sobretudo, a prática.

As escolas se diferenciam pelas formações que oferecem e tipo de capital que exigem, mas também pela carreira a que dão acesso. No caso do turno matutino o desejo em entrar numa faculdade aparece com muito mais frequência, pois muitos querem ser profissionais liberais e estão na escola técnica simplesmente porque os pais os *jogaram* ali. Sentem-se impotentes diante dos exigentes processos seletivos das universidades públicas, recorrendo, muitas vezes aos pré-vestibulares, também incapazes de fornecer a formação exigida para conseguir uma vaga num curso das universidades públicas, porquanto a formação da escola não é compatível com o que se cobra nos vestibulares. A angústia em não conseguir entrar numa faculdade é



diferentemente sentida no turno da noite do curso de máquinas navais, pois a universidade pública não é tão desejada porque não permite o trabalho, pois muitos cursos são em período integral. Aham mais fácil entrar numa faculdade particular que pagarão com o dinheiro do trabalho como técnico em máquinas navais. Neste sentido, têm vontade de exercer a profissão como técnico e *conseguir o CREA*, o que poderá conferir-lhes maiores salários e estabilidade profissional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa etnográfica supracitada ainda está em fase de realização. As reflexões e resultados aqui expostos são fruto do acompanhamento minucioso de alguns estudantes selecionados das turmas do último ano do curso médio técnico em máquinas navais oferecido pela instituição nos turnos matutino e noturno através das técnicas de pesquisa já mencionadas, privilegiando-se o contato informal e freqüente, dentro e fora da Escola, não apenas com os estudantes, mas também com seus professores, familiares e amigos durante, aproximadamente, oito meses de pesquisa, sendo quatro meses de pesquisa de campo.

Partindo do pressuposto que a preocupação da Antropologia está mais voltada para a compreensão do que com a explicação num sentido último do termo, tomo este trabalho como um exercício de teor altamente reflexivo. Desta maneira, elaborações, correlações e análises aqui presentes não podem ser tomadas como fechadas ou como certezas exclusivas, mas como um possível caminho que encontrei até o presente momento para pensar a educação profissional e o trabalho no contexto específico da Escola Técnica Estadual Henrique Lage, mais especificamente através dos alunos, professores e familiares dos estudantes do último ano do curso de máquinas navais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECKER, Howard. Observação Social e Estudo de Caso Sociais. In: **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1993. p. 117-133.

BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). **Usos e Abusos da História Oral**. 7.ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005. p. 183-192.

BOURDIEU, Pierre. Compreender. In: BOURDIEU et al. In : **A Miséria do Mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. p. 693-713.

\_\_\_\_\_. Estrutura, Habitus e Prática. In: **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974. p.337-361.

\_\_\_\_\_. Reprodução Cultural e Reprodução Social. In: **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974. p.295-336.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **A Profissão de Sociólogo – preliminares epistemológicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

BRASIL, Secretaria de Ciência e Tecnologia/FAETEC. **Instituição**. Disponível em: <<http://www.faecet.rj.gov.br/index.php?pg=estrutura.php>>. Acesso em 10 de fevereiro de 2008.

BRASIL, SEMTEC/MEC – **Políticas Públicas para a Educação Profissional e Tecnológica**. Brasília, Abril de 2004.

BRASIL, Conselho Nacional de Educação/ Câmara de Educação Básica – **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico**. Brasília, novembro de 1999. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/semtec/educprof/ftp/ceb016.doc>> Acesso em 10 de fevereiro de 2008.

BURNIER, Suzana Lana. Os significados do trabalho segundo técnicos de nível médio. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 27, n. 94, p. 153-174, 2006.

CASTRO, Cláudio de Moura; MÉDICI, André; TEJADA, Jorge. [O Ensino Profissionalizante sai do Estado de Coma](#). In: Seminario sobre Prospectiva Educativa – UNESCO, 2000, Santiago. **Anais...** Santiago/Chile. p. 1-11. Disponível em: < <http://www.schwartzman.org.br/simon/delphi/pdf/proep.pdf> >. Acesso em 05 de fevereiro de 2008.

CORCUFF, Philippe. Algumas oposições clássicas em ciências sociais. In: **As Novas Sociologias: construções da realidade social**. Tradução: Viviane Ribeiro. Bauru/ SP: EDUSC, 2001. p. 11-32.

GEERTZ, Clifford. **Obras e vidas: o antropólogo como autor**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

GIUMBELLI, Emerson. Para além do "trabalho de campo": reflexões supostamente malinowskianas. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 17, n. 48, 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69092002000100007&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092002000100007&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 20 de março de 2007.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Editora Vozes, 1975.

GUEDES, Simoni Lahud. **Jogo de Corpo: um Estudo de Construção Social de Trabalhadores**. Niterói/RJ: EDUFF, 1997.

MACIEL, Cláudia Monteiro. **O lugar da Escola Técnica frente às aspirações do mercado de trabalho**. 2005. 116f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Rio de Janeiro.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 17, n. 49, 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69092002000200002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092002000200002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 20 de março de 2007.